

A HIPERTEXTUALIDADE MANIFESTA EM HIPERTEXTOS*

Ana Cristina Lobo-Sousa (Hiperged/UFC)

Júlio César Araújo (Hiperged/UFC)

CONSIDERAÇÕES INICIAIS

O célere avanço tecnológico que constitui o *hiperespaço*, no qual coexistem e se hibridizam enunciados manifestos em inúmeros gêneros discursivos digitais, tais como os *chats*, os *blogs* e os *e-mails* (cf. ARAÚJO, 2008), parece não ser acompanhado pelos estudos teóricos que se propõem a definir o hipertexto. Este termo, apesar de sua recenticidade nos estudos linguísticos, tem fomentado um embate terminológico que ora considera um só critério definidor, seja a não-linearidade (cf. COSCARELLI, 2006, RIBEIRO, 2008) ou a presença de *links* (cf. GOMES, 2007); ora leva em conta um número abundante de características, como a *multissemiose*, a *interatividade*, a *intertextualidade*, para citar algumas (cf. MARCUSCHI, 1999; 2000; KOCH, 2003, 2008, KOMESU, 2005).

Algumas dessas características atribuídas ao hipertexto são redundantes e nem todas têm o mesmo peso e a mesma relevância para sua definição. Outras põem em dúvida a natureza do suporte do hipertexto, como *virtualidade*, *imaterialidade*, *ubiquidade* e *volatilidade*, para as quais não estamos certos de que dizem respeito primeiramente ao hipertexto enquanto produto semiolinguístico, ou ao hipertexto, enquanto tecnologia de leitura/escrita.

Além disso, essas mesmas características põem em xeque o que deve ser entendido por hipertexto, por permitirem denominações e interpretações diversas que variam de autor para autor. Essa oscilação terminológica e de definição pode ser conferida com o critério da *não-linearidade*, a qual pode ser entendida como um princípio básico de construção do hipertexto, de acordo com Xavier (2002; 2007); como um critério de natureza cognitiva que enseja a ação não-sequencial de leitura, segundo Coscarelli (2006) e, consoante Marcuschi (1999), também como o modo pelo qual se organiza os elementos da língua. Assim, se se considera a não-linearidade como um princípio cognitivo de leitura, defende-se o hipertexto como algo já existente no suporte impresso (cf. COSCARELLI, 2006). Por outro lado, se se considera o mesmo critério definidor como constituinte do modo de apresentação da informação de maneira descentralizada, hipertexto passa a ser uma realidade linguístico-textual nova (cf. XAVIER, 2007).

Contudo, entendemos que as definições de hipertexto não se antagonizam se levarmos em conta que se restringem a alguns hipertextos enquanto objeto de leitura, especialmente as *homepages*, (cf. XAVIER, 2002) ou gêneros nela contidos (RIBEIRO, 2008), desconsiderando as diferenças funcionais entre os hipertextos, bem como os gêneros hipertextuais que os constituem. Ora, como Ribeiro nos lembra, o hipertexto também é objeto de escrita e tantas vezes de ler e escrever. Afora isso, as características definidoras do hipertexto só são percebidas se considerarmos um conjunto de hipertextos, o que nos leva a postular que talvez estejamos

* Este artigo parte de reflexões em andamento em nosso grupo de pesquisa Hiperged (PPGL-UFC), que pretende contribuir com a compreensão da categoria **hipertextualidade** que, mesmo ainda em construção, já apresenta múltiplos pontos de vista.

diante de uma categoria superior ao hipertexto, se quisermos vislumbrar todas as suas características.

Feitas essas considerações, o presente trabalho visa discutir o conceito e a teoria referente ao hipertexto, no que tange aos argumentos que o defendem como algo já existente no impresso e como algo inaugurado com o suporte informático, apoiando-se no critério da não-linearidade e contrapondo-o às demais características. Concomitantemente a isso, percebemos que os termos hipertextualidade e hipertexto podem referir fenômenos distintos e inter-relacionados.

Esse trabalho fundamenta-se nos conceitos de enunciação, enunciado e gêneros, propostos pelos princípios teórico-filosóficos bakhtinianos, os quais postulam que na língua nada é inaugural, pois “cada enunciado é um elo da cadeia muito complexa de outros enunciados” e, que, apesar disso, os enunciados devem ser estudados enquanto tipos particulares, que se diferenciam de outros enunciados, mantendo, contudo, um elemento em comum, que é a sua natureza verbal (linguística), (BAKHTIN, [1953] 1997, p. 280).

Nesse sentido, buscamos nos pautar por uma abordagem enunciativa da linguagem que nos permitisse entender hipertextualidade e hipertexto como temos distintos e inter-relacionados (LOBO-SOUSA, 2009; LOBO-SOUSA, ARAÚJO e PINHEIRO, 2009), no qual o primeiro compõe o segundo, tendo em vista a diversidade de hipertextos ora existentes que nos permitem pensar que não estamos diante de perspectivas dicotômicas e antagônicas frente a um mesmo objeto, mas antes, perspectivas que se complementam por se situarem no que postulamos aqui ser um *continuum* de hipertextos, que preferimos designar hipertextualidade.

1 A NÃO-LINEARIDADE COMO CRITÉRIO DEFINIDOR DO HIPERTEXTO

Marcuschi (1999, p. 24) define a não-linearidade como o “que aponta para a flexibilidade desenvolvida na forma de ligações permitidas/sugeridas entre nós que constituem redes que permitem elaboração de vias navegáveis”. Nesse sentido, o autor entende que o hipertexto, assim como o texto, apresenta a não-linearidade do ponto de vista da leitura, ou da recepção, porque ambos possibilitam múltiplas possibilidades de leitura.

Do ponto de vista da produção, porém, Marcuschi observa que é necessário levar em conta os níveis micro e macroestruturais do texto e do hipertexto, pois haverá diferenças, conforme a consideração de um ou outro nível. Segundo o linguista, o hipertexto apresenta multiníveis de escrita que se diferenciam das possibilidades do impresso, dada a natureza essencialmente topográfica com ligações instantâneas multilinearizadas do suporte virtual do hipertexto. Mas o texto, segundo Marcuschi, também é plurilinear em sua construção, sobretudo no caso das interpretações anafóricas, da identificação referencial dos dêiticos ou da desambiguação não-imediata. Diante disso, o autor afirma que “a não-linearidade do hipertexto tem sua contra-parte no texto impresso. São aspectos diversos, mas de funções similares” (MARCUSCHI, 1999, p. 27).

O autor esclarece que o hipertexto é um tipo de escritura que, em sua apresentação virtual, em sua macro-organização estrutural, é deslinear. Na concepção de Marcuschi (2005), o hipertexto não é um gênero textual (por não possuir uma superestrutura definida) ou um simples suporte de gêneros diversos, mas sim uma forma de organização cognitiva e referencial cujos princípios constituem um conjunto de possibilidades estruturais que caracterizam ações de decisões cognitivas baseadas em (séries de) referências não-contínuas e não-progressivas. Neste aspecto, o hipertexto é entendido como um “um novo espaço cognitivo”, considerando que esse espaço exige a revisão de nossas estratégias de lidar com o texto, sobretudo a

continuidade textual, pois o novo espaço de escrita “não é mais linear nem se comporta numa direção definida” MARCUSCHI (2000, p. 88).

Assim, podemos entender com Marcuschi (1999; 2000) que no micronível, texto e hipertexto não rompem a linearidade linguística, o que implica dizer que ambos são, portanto, lineares. A diferença se dá na macro-organização estrutural de ambos, pois texto e hipertexto, ainda que sejam considerados em um macronível, o que nos levaria a afirmar que são não-lineares, conforme Marcuschi (1999; 2000), diferem porque o espaço de escrita permite que essa não-linearidade se dê de maneira diferente. Quem explica isso é o próprio Marcuschi (2000, p.89) ao afirmar que a diferença central entre o hipertexto assim desenhado e o texto linear tal como o encontramos nos livros, jornais e revistas impressos “é a possibilidade de diferentes escolhas para leituras e interferências *on line*” e que “no caso de um livro impresso, a sequência do texto está predeterminada pela linearização e paginação”. Assim, também do ponto de vista da produção, hipertexto não se opõe radicalmente ao texto, apresentando similitude e diferença, se considerados os níveis de textualidade e a forma de apresentação.

Essa compreensão de não-linearidade está em consonância com Koch (2003; 2008), para quem todo texto é um hipertexto ao menos do ponto de vista da recepção, já que a compreensão não se dá de maneira linear e sequencial. O critério da não-linearidade está presente na definição de hipertexto trazida por Koch (2003; 2008) ao afirmar que aquele se trata de uma escritura não-linear e não-sequencial, que se ramifica e permite ao leitor o acesso praticamente ilimitado de outros textos, a partir de escolhas locais e sucessivas e em tempo real.

Também Coscarelli (2006) filia-se a essa compreensão ao afirmar que, em função das marcas de sinalização da hierarquia das ideias apresentadas, como os títulos e subtítulos, o tamanho e a cor ou formato das fontes, os recursos de topicalização, os mecanismos de continuidade no texto, como a coesão referencial, temporal e espacial e, ainda, os itens lexicais que marcam o grau de relevância de determinadas partes do texto ou sua organização, todos contribuem para que se defenda que texto e hipertexto não sejam tão diferentes assim. Segundo a autora, “não podemos acreditar na linearidade de um texto apenas porque as palavras se apresentam no papel uma após outra” (COSCARELLI, 2006, p.8).

Diferentemente de Marcuschi (1999; 2000), a autora desconsidera a forma de apresentação, seja do texto, seja do hipertexto, e restringe-se ao que se dá apenas no nível da leitura. Por esse motivo, e considerando que há hipertextos lineares, no sentido de só direcionarem, os leitores têm apenas duas escolhas: seguir em frente ou retornar. Sendo assim, pensamos que essa importante característica hipertextual não possa ser desconsiderada em uma definição de hipertexto, mas talvez o termo multilinearidade se aplique melhor, tendo em vista hipertextos muito semelhantes aos textos na forma de apresentação, ou seja, obedecendo a uma ordem estrutural.

Sobre isso, Xavier (2007, p. 208) acrescenta que “a novidade nesse aspecto está em transformar a não-linearidade, a falta de um ponto de partida obrigatório para o início da leitura, em princípio básico da construção do próprio hipertexto”, com o qual também concorda Marcuschi (1999; 2000).

A nosso ver, uma linha de argumentação que considera todo texto como um hipertexto, tendo como base o critério da não-linearidade, só poderia se justificar se considerasse, ao menos, a heterogeneidade semiótica permitida pelo suporte digital, como observa Araújo (2006), pois, há que se levar em conta a variedade multimodal que constitui os gêneros hipertextuais, que vão desde tentativas de simular os gestos da interação face-a-face, com os populares *emoticons* até a sobreposição de imagens animadas que coocorrem e são visualizadas na tela de cristal líquido durante as interações virtuais. Há que se observar ainda o tipo de texto

e o tipo de hipertexto para se ter uma definição menos genérica. Afinal, observa Marcuschi (2005b, p. 192), “é também possível afirmar que certos textos impressos são muitas vezes não-lineares, assim como muitos hipertextos são absolutamente lineares”. Vejamos a seguir como a multissemiose pode ajudar na compreensão do hipertexto em termos de definição.

2 OUTROS CRITÉRIOS DEFINIDORES DO HIPERTEXTO: A MULTISSEMIOSE

De acordo com Xavier (2002, p.9), o hipertexto é uma nova tecnologia enunciativa, da qual emerge o *modo de enunciação digital*, que é “resultado do amálgama, integração e superposição dos vários modos de enunciação em um mesmo suporte digital de leitura: a tela do computador”. Esses modos enunciativos, conforme explica o autor, são todas as formas de expressão, comunicação e interação desenvolvidas e aperfeiçoadas pelos homens ao longo da história, para se relacionar comunicativamente com os outros e com o mundo.

Sendo o modo de enunciação digital formado de vários modos enunciativos, ele é “naturalmente híbrido, constituído por e com os demais modos de enunciação já existentes, atuando paralelamente a eles sem prejudicá-los” (XAVIER, 2002, p. 10). Isso significa que os enunciados visuais, verbais e sonoros não concorrem no hipertexto, mas co-ocorrem de modo equilibrado, sem supremacia de um sobre outro. Entretanto, uma observação atenta em exemplares hipertextuais autoriza-nos defender que, dependendo dos gêneros hipertextuais, os enunciados semiolinguísticos se destacam, de maneira mais ou menos preponderante, como também atesta a avaliação do próprio autor a um dos *sites*¹ por ele analisados. Conforme sua análise, tal *site* mais se parece com uma simples transposição de texto escrito para a tela do computador, dada a predominância do texto verbal.

Desse modo, a afirmação de Xavier (2002) sobre a confluência de modos enunciativos parece aplicar-se não ao hipertexto, mas a uma categoria mais ampla, a qual denominamos de hipertextualidade. Se compararmos os gêneros hipertextuais diversos, constataremos que no hipertexto ocorre, não apenas a presença de multissemiose², como também a hibridização semiótica, que mistura elementos sógnicos já existentes, a ponto de não distinguirmos claramente os limites de um e de outro. Além disso, essa hibridização semiótica favorece a interação, razão pela qual pensamos que a característica interatividade não possa ser desconsiderada nos estudos de definição do hipertexto. Veremos a seguir que ela marca um estágio importante na evolução dos hipertextos.

3 PROPONDO UMA REDEFINIÇÃO DE HIPERTEXTUALIDADE

De acordo com Primo; Recuero (2006), a *web* já não é mais a mesma e, portanto, nem o hipertexto. Em sua avaliação, vivemos hoje a terceira geração da hipertextualidade, que se caracteriza pela colaboração e participação dos internautas na escrita coletiva de hipertextos. Segundo a proposta dos autores, os hipertextos atingem a terceira geração, não só por se apresentarem em uma estrutura integrada de funcionalidade e conteúdo, mas por permitirem a abertura dos documentos à intervenção dos participantes do sistema, ou seja, à participação dos internautas em formas multidirecionais de leitura, a exemplo do que ocorre com os *blogs*, os *peer-to-peer* (P2P)³, o *webjornalismo* participativo e serviços como *Flickr*⁴, para a publicação e

¹ Os *sites* analisados por Xavier são: <www.beaugrande.com>, <www.rubemalves.com.br> e <www.haroldodecampos.com.br>. A avaliação sobre a qual discorremos refere-se ao primeiro desses *sites*.

² Esse tipo de semiose também ocorre nos textos impressos em que as linguagens verbal e não-verbal aparecem lado a lado.

³ De acordo com Primo (2007), trata-se de redes voltadas para a troca de arquivos digitais, em que cada cliente tanto pode fazer *download* de arquivos, quanto oferecer seus próprios arquivos para que outros baixem.

⁴ <http://www.flickr.com/>

discussão de imagens, ou *del.icio.us*⁵, sistema de compartilhamento de listas de favoritos e geração colaborativa de metadados. Um dos exemplares de hipertexto mais representativos dessa geração é a *wikipedia*

Desse modo, julgamos procedente a eleição do critério interatividade como definidor importante da hipertextualidade, visto que se considerarmos apenas hipertexto de maneira genérica, não teremos garantia de o encontrarmos. Assim, elegemos como **categorias necessárias à hipertextualidade** a multilinearidade, a hipermodalidade e a interatividade que juntas, de maneira integrada, se não forem suficientes para a redefinição do conceito, ao menos pode nos ajudar a não confundir hipertexto com hipertextualidade. Baseando-nos em Marcuschi (2007), entendemos por propriedades *necessárias* aquelas sem as quais o 'X', ou seja, o conceito, não pode ser classificado como tal. A ausência dessa propriedade leva a afirmar que X não é isso.

Essa opção se fez necessária, porque diante do número excessivo de critérios apontados, percebemos que alguns são mais recorrentes e, portanto, garantem a sustentação teórica necessária. Assim, enquanto a hipertextualidade precisará se definir por propriedades necessárias, ao hipertexto será eficaz uma definição que considere características relevantes, segundo a terminologia fornecida por Marcuschi (2007), já que o hipertexto, sendo parte, já contém, em maior ou menor grau, as características necessárias da hipertextualidade. O que interessa à particularidade do hipertexto é justamente a característica relevante, e mesmo as centrais, que permitirão distinguir a natureza hipertextual de um e de outro hipertexto, em função de seus gêneros.

Desconsideramos como características da hipertextualidade a não-linearidade apenas do ponto de vista da recepção, por entendermos com Deleuze; Guatari (1997) que um conceito é uma ordenação de seus componentes por zona de vizinhança, uma heterogênesse de elementos que o compõem, numa relação de complementaridade. Assim, só podemos conceber o hipertexto se definindo por aquilo que o compõe e, portanto, por aquilo que o ordena. Nesse sentido, aquilo que o sujeito realiza com o objeto com o qual interage não nos interessa como propriedade necessária à hipertextualidade, já que o sujeito, no caso, o leitor ou o *hiperleitor*, não é um de seus componentes. Partindo dessa orientação, a não-linearidade, entendida como a compreensão não-sequencial que se dá em nossas mentes, não será característica definidora da hipertextualidade. Entendemos que algumas características apontadas pela literatura são, antes, fenômenos de linguagem manifestados no hipertexto.

Pelos mesmos motivos e por defendermos que a intertextualidade é um fenômeno que não só ultrapassa os conceitos de hipertexto e de hipertextualidade, como também se altera na hipertextualidade, ela também não será eleita em nossa compreensão de hipertextualidade⁶.

Resta ainda afirmar que entendemos características como *volatilidade*, *virtualidade*, *imaterialidade*, caracterizados como traços do hipertexto que mais dizem respeito ao suporte que ao material enunciativo.

Diante de tudo isso, entendemos por **hipertextualidade a enunciação digital que se forma a partir dos gêneros hipertextuais que constituem os hipertextos. Ela se apresenta**

⁵ <<http://del.icio.us>>

⁶ Acerca da discussão sobre o fenômeno intertextual no hipertexto, recomendamos a leitura do artigo de Xavier (2003) e um trabalho recente nosso (LOBO-SOUSA; ARAÚJO, no prelo).

de forma multilinear por meio de enunciados multimodais e/ou hipermodais que se integram de maneira interativa no hiperespaço. Sucintamente, diríamos que a **hipertextualidade é um conjunto multienunciativo de hipertextos.** Assim, as características *multilineariade*, *hipermodalidade* e *interatividade* são as características necessárias ao conceito e devem ser entendidas, como se verá a seguir, em termos de gradação.

A multilinearidade é propriedade necessária à hipertextualidade que, em função da natureza de seu suporte multidimensional, corresponde aos modos de constituição, de apresentação e de recepção dos sentidos do hipertexto. Sendo o hipertexto composto de enunciados, que são os gêneros hipertextuais, é possível que se tenha gêneros lineares, mas isso não descaracteriza a hipertextualidade e constitui objeto para outra investigação. Aliamo-nos aqui a Marcuschi (2000) para dizermos que pode haver hipertextos lineares, sobretudo, se considerarmos que eles se atualizam na hipertextualidade a partir de uma gradação de características que se distribuem em um *continuum*.

Nesse sentido, parece-nos razoável sugerir que essa multilinearidade se dá em níveis que se sobrepõem em interfaces na hipertextualidade. Ao clicarmos sobre os *links*, nós penetramos e trazemos esses níveis à tona, reconfigurando o texto. É nesse sentido que estamos falando, num movimento de dentro para fora e de fora para dentro no *hiperespaço*, sempre atualizando o que se está lendo ou escrevendo.

Os modos enunciativos da hipertextualidade são semioses que, ao se misturarem, produzem multissemiose. Ao contrário do que diz Xavier (2002), defendemos que o hipertexto nem sempre apresenta de modo equilibrado essas multissemioses e, por vezes, sobressaem-se uma(s) em relação às outra(s). Pudemos constatar com Araújo (2006) que as multissemioses ocorrem de maneira desigual nos *chats*, por exemplo.

Cumpramos esclarecer, no entanto, que o termo **multissemiose** pode se confundir com o termo **multimodal**, no sentido de que ambos referem-se às semioses múltiplas. Conforme esclarece Gomes (2007), multimodalidade se relaciona a multimídia, que por sua vez, se baseia no computador. Nesse sentido, a multissemiose independe deste artefato tecnológico e, por isso mesmo, não caracteriza a hipertextualidade, mas o jornal, a revista, a enciclopédia etc.

Além de multimodalidade, que pressupõe necessariamente a integração de gráficos, animações, vídeos, música, fala e texto, ou seja, uma multimídia (conjunto de meios), temos o termo hipermodalidade que corresponde à fusão de multimodalidade com hipertextualidade. Trata-se de uma maneira de nomear as novas interações entre os significados das palavras, imagens e sons da hipermídia, o que permite diferenciar da multimodalidade presente nos textos, como nos jornais ou revistas impressos. Pensamos que a hipertextualidade descrita por Primo; Recuero (2006) talvez seja melhor descrita por essa característica.

Assim, podemos considerar que hipertextos muitos semelhantes ao texto impresso apresentem semioses dispostas lado a lado e outros apresentem multissemioses ou hibridização semiótica, que, segundo Araújo (2006), pode ser também entendida como a heterogeneidade semiótica, riqueza multimodal da qual se constituem os gêneros digitais, em razão de os domínios discursivos digitais já nascerem híbridos, uma junção dos serviços de telefonia com os da Informática. Os hipertextos que mais se valem de hibridização semiótica para fins, sobretudo de interação, apresentam, por sua vez, hipermodalidade. O modo dessa hipermodalidade se manifestar, em razão de sua multilinearidade está intimamente relacionado à interatividade.

Por fim, a hipertextualidade é caracterizada pela **interatividade**. Gostaríamos de destacar que o termo **interatividade**, embora se relacione com o seu correlato **interação**, dele difere. Segundo Silva (2003), interatividade é a possibilidade do acesso a diferentes estoques de

informação em tempo real e, às várias interações entre o usuário e as estruturas de informação contida nesses estoques, que modificam a relação tempo-usuário-informação. Assim, o termo interatividade, embora banalizado em contextos como o da Mídia, representa-nos a interação dialógica da linguagem no âmbito da hipertextualidade, enfatizando, portanto, que a interação se dá nela e fora dela, e não apenas com o hipertexto como alguns costumam fazer ao exaltarem as novas tecnologias de escrita.

Para Neitzel (2002, p. 118), com quem estamos de acordo, “a interatividade é uma característica do produto hipermediático e pode manifestar-se de forma mais ou menos ampla, pois a estrutura hipertextual idealizada pode ser mais ou menos aberta”. Desse modo, estabelecemos com base em trabalhos da Comunicação, níveis de interatividade. Hipertextos mais dinâmicos, aqueles que permitem interação entre pessoas, e não apenas entre pessoa e máquina, ou a comunicação um-um mediada pelo computador, seriam aqueles hipertextos com maior interatividade, ressaltando, acima de tudo a participação ativa dos enunciadores digitais, pois, de acordo com Neitzel (2002, p. 144), e com quem estamos, nesse aspecto, inteiramente de acordo, “a *escreitura* e a hipertextualidade não podem ser asseguradas pelo simples emprego de mecanismos técnicos, mesmo que estes estejam voltados para a interatividade”.

O gráfico abaixo mostra que as características por nós apresentadas encontram-se em constante movimento, inter-relacionadas nos fluxos da hipertextualidade.



Figura 01: Características da hipertextualidade

Observemos que cada uma das categorias define-se por subcategorias. A multilinearidade pode ser realizada em qualquer desses níveis, sendo que nos níveis da apresentação e da recepção já é garantida. Mas no nível da constituição, quem garante que não seja linear? A hipermodalidade se apresenta desde uma multissemiose no hipertexto que vai se complexificando com os recursos da multimídia para atender a necessidades de sujeitos reais que enunciam e que interagem numa relação sujeito-máquina ou sujeitos-sujeitos via máquina.

Vejamos como pode se dar esse entrelaçamento de características hipertextuais na *web*.



Figura 02: Site Jornal de Debates I

Na figura acima, o site “Jornal de debates”, disponível no endereço <<http://www.jornaldebates.ig.com.br/>>, há um *banner* publicitário bem no centro e acima que, se acessado, já nos dá uma ideia de multimodalidade e não só de multissemiose, visto que as semioses se integram por recursos multimídia. Pode-se conferir o movimento da imagem e mudança de anúncios ao longo de alguns minutos. Esse *site* é aberto à intervenção das pessoas que emitem suas opiniões acerca de assuntos polêmicos do momento, logo, apresenta um grau significativo de interatividade. Não é apenas clicar em *links*, mas colaborar com o *site*.

No entanto, as interações se dão via linguagem escrita, logo, sem hibridização semiótica como nos *chats*. Assim, podemos dizer que a interatividade se dá em um grau de hipermodalidade, se considerarmos a propaganda descrita acima e o vídeo à esquerda. Porém, o *site*, no geral, apresenta multissemiose no que se refere aos enunciados do debate, já que as imagens das pessoas são colocadas ao lado de suas opiniões, como podemos conferir na parte de baixo da mesma figura, em que o enunciador se apresenta com a foto ao lado de sua postagem.

Nesse sentido, ocorre uma multissemiose muito próxima àquilo que encontramos nos jornais, ou seja, a imagem como adorno e não integrando a mensagem. A multilinearidade, por sua vez, pode ser constatada tanto nas possibilidades de escolha a serem seguidas, imaginando que alguém ao acessar esse site deseja atualizar-se sobre assuntos do momento, como também na forma de apresentação desses enunciados. Quando clicamos em um deles, o que está oculto se expande.

Esse exemplo de hipertexto corresponde a uma demonstração mínima de hipertextualidade. Muitos *sites* hoje conseguem ser mais sofisticados tecnicamente, o que permite vislumbrar o alcance dos efeitos que a multimídia provoca na multissemiose e na hipertextualidade. Uma ilustração disso pode ser conferida em sites de artes, poesia holográfica ou mesmo de literatura, como o <www.livroclip.com.br>, que transforma a leitura em atividade multimídia via Internet. Nele, autores clássicos são interpretados em animações com trilhas sonoras da música brasileira:



Figura 03: Site Livro Clip

Isso mostra que a hipertextualidade é de fato uma galáxia a ser explorada. Cada dia são páginas e mais páginas de hipertextos sendo adicionadas e com ela a diversidade de gêneros a serem estudados. Caminhamos para a personalização cada vez mais precisa de nossas escolhas hipertextuais, do que lemos, do que escrevemos, do que queremos que o mundo saiba de nós. Teoricamente, porém, precisamos correr, antes que os enunciados hipertextuais desafiem-nos, antes que eles desapareçam e dêem lugar a outros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Se de um lado, a definição de hipertexto por um único critério não tem sido satisfatória, por outro lado, a abundância de critérios parece não contribuir para uma melhor definição teórica desse objeto, na medida em que não se aplica a uma diversidade de hipertextos que têm emergido com os avanços tecnológicos. Assim, supomos que, pensar em hipertextualidade e hipertexto como termos inter-relacionados torna não só operacional os conceitos, como também contempla a diversidade de hipertextos, seja em função da existência de gêneros hipertextuais, seja em função das diferenças de natureza mais tecnológica.

Para efeitos de pesquisa, sobretudo do ponto de vista metodológico, julgamos prudente pensar em hipertexto e hipertextualidade como termos distintos, na tentativa de que possamos ao menos dissipar algumas confusões terminológicas. Nessa tarefa, contudo, reside o nosso maior desafio, qual seja, permitir um refinamento teórico que seja mais produtivo, já que o que se tem no cenário atual é um confronto de posições que, de um lado, avaliam um pedaço do todo e generalizam a definição de hipertexto, de outro lado, os que tratam o fenômeno em suas especificidades, mas de maneira isolada.

Referências

- ARAÚJO, J. C. **Os chats: uma constelação de gêneros na internet**. Tese (Doutorado em Linguística). Fortaleza: PPGL/UFC, 2006.
- ARAÚJO, J. C. “Pra tc a galera tem q abreviar muito”: o internetês e as novas relações com a escrita. In: DIEB, M. (Org.). **Relações e saberes na escola: os sentidos do aprender e do ensinar**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2008. p. 119-134.
- BAKHTIN, M. **Estética da criação verbal**. 2. ed. São Paulo: Martins Fontes, 1997.
- COSCARELLI, C. V. Os dons do hipertexto. In: **Littera, Revista de Linguística e Literatura**. PEDRO LEOPOLDO: Ano IV, nº 4, p. 7-19, jul/dez 2006.

- DELEUZE, G.; GUATTARI, F. O que é um conceito? In: DELEUZE, G.; GUATTARI, F. **O que é a filosofia?** 2. ed. Rio de Janeiro: Ed. 34, 1997, p. 25-47.
- GOMES, L. F. **Hipertextos multimodais:** o percurso de apropriação de uma modalidade com fins pedagógicos. Tese (Doutorado em Linguística Aplicada). Campinas: IEL-UNICAMP, 2007.
- KOCH, I. G. V. Texto e Hipertexto. In: **Desvendando os segredos do texto.** 2. ed. São Paulo: Cortez, 2003. p. 61-73.
- KOCH, I. G. V. Hipertexto e construção do sentido. In: KOCH, I. G. V. **As tramas do texto.** Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008. p. 161-176.
- KOMESU, F. C. Pensar em hipertexto. In: ARAÚJO, J. C.; BIASI-RODRIGUES, B. (Org.). *Interação na Internet: novas formas de usar a linguagem.* Rio de Janeiro: Lucerna, 2005. p. 87-108.
- LOBO-SOUSA, A. C. **Hipertextualidade:** uma abordagem enunciativa de hipertextos. Dissertação (Mestrado em Linguística). Fortaleza: PPGL-UFC, 2009.
- LOBO-SOUSA, A. C.; ARAÚJO, J. C. **Considerações sobre a intertextualidade no hipertexto.** Fortaleza: Hiperged/PPGL/UFC, no prelo.
- LOBO-SOUSA, A. C.; ARAÚJO, J. C.; PINHEIRO, R. C. Letramentos que emergem da hipertextualidade. In: ARAÚJO, J. C.; DIEB, M. (Org.) **Letramentos na web:** gêneros, interação e ensino. Fortaleza: Edições UFC, no prelo, p. 111-122.
- MARCUSCHI, L. A. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. In: GUIMARÃES, E.; ORLANDI, E. P. (Org.). **Línguas e instrumentos linguísticos.** Campinas: Pontes, p. 21-45, jan./jun., 1999.
- MARCUSCHI, L. A. O hipertexto como um novo espaço de escrita em sala de aula. In: AZEREDO, J. C. (Org.) **Língua portuguesa em debate:** conhecimento e ensino. Petrópolis: Vozes, 2000, p. 87-111.
- MARCUSCHI, L. A. Gêneros textuais emergentes no contexto da tecnologia digital. In: MARCUSCHI, L. A.; XAVIER, A. C. **Hipertexto e gêneros digitais:** novas formas de construção do sentido. 2. ed. Rio de Janeiro: Lucerna, 2005, p. 13-67.
- MARCUSCHI, L. A. A arte de definir. In: MARCUSCHI, L. A. **Fenômenos da linguagem:** reflexões semânticas e discursivas. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007. p. 109-118.
- NEITZEL, A. de. A. **O jogo das construções hipertextuais.** Tese (Doutorado em Literatura). Santa Catarina: UFSC, 2002.
- PRIMO, A.; RECUERO, R. da C. A terceira geração da hipertextualidade: cooperação e conflito na escrita coletiva de hipertextos com links multidirecionais. **Líbero** (FACASPER), v. IX, p. 83-93, 2006.
- RIBEIRO, A. E. **Navegar lendo, ler navegando:** aspectos do letramento digital e da leitura de jornais. Tese (Doutorado em Linguística). Belo Horizonte: POSLIN/UFMG, 2008.
- SILVA, F. M. e. **Um estudo das contribuições do hipertexto para o fluxo da informação em meio eletrônico.** Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Campinas: PUC/Campinas, 2003.
- XAVIER, A. C. **O hipertexto na sociedade da informação:** a constituição do modo de enunciação digital. Tese (Doutorado em Linguística). Campinas: IEL-Unicamp, 2002.
- XAVIER, A. C. A dança das linguagens na Web: critérios para a definição de hipertexto. In: SILVA, T. C.; MELLO, H. (Org.) **Conferências do V Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística.** Belo Horizonte: FALÉ/UFMG, 2007, p. 199-210.